



OS RIDÍCULOS

Nº 246 17.7.75

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO - 7\$50



O JULGAMENTO DOS PIDES SÔ
COMEÇARÁ QUANDO SE PIRAR
O ÚLTIMO?



DIÁLOGOS DA ÉPOCA

— Olá, não há quem te veja? Nem sequer já apareces no café...

— Com o café a "cinco coróas" o "riedal", fora o resto, "tá quieto, ó mau"!...

— Podias telefonar lá para casa...?

— Telefonar?! Com o novo preço das chamadas? Nem penses nisso.

— Escrevias!?

— Cada carta "dois paus", fora o papel e a tinta... És doido, não?!

— Combinava-se aí um passeiozito com a família...

— Passeios?! Nem só quanto mais com a família! — Iámos de carro... Levavas o teu e eu levava o meu...

— O meu já o despachei... Com o preço da gasolina, impostos e o mais, só de transporte público ou a pé é que se pode andar... enquanto for chegando para sapatos, evidentemente!

— Ó pá, não me digas que, depois dos aumentos...

— Dos aumentos de tudo...

— E dos ordenados também! Não me digas...

— Não te digo, não te

digas... Digo, pois! Digo e torno a dizer que são poucos os que se agumentam no balanço.

— Eu, por exemplo, não tenho razão de queixa. Como sabes...

— Sei, sei... Sei que os intermediários e parasitas como tu continuam a governar-se à rica!

— Que queres que eu faça...?!

— Se te disser que: nada — isso é o que tu queres! O que eu queria é que alguém fizesse alguma coisa para travar isto... às quatro rodas, antes que dê desastre!

— Está impossível!...

— Impossível está a vida para quem tem de pagar "o barato" — o caro, aliás, porque isso de barato já lá vai há muito. Desde os tempos em que prometeram ao Povo balcenhado a pataco!...

— Isso não foi do nosso tempo...

— Pois não... Mas, sabemos disso, não sabemos?

— Sim, embora ainda andássemos pelo mundo das hipóteses...

— Se eu soubesse o que era a vida cá neste, nem que o meu pai rebentasse...

— Mas, o que acontece por cá, acontece por todo o lado, pá! O Mundo é assim...

— Pois é, pois é... E aí é

que está o mal — ser como e não como devia ser! Só houve nele um "homem" que falou verdade...

— Jesus Cristo!?

— Não! Aquela que disse, ao morrer: "Adeus, Mundo — cada vez a pior!"

TENHAM PENA DE MIM,
QUE SEMPRE VIVI NA
MISÉRIA... DÊEM-ME UMA
DAS VAGAS DE
ALCOENTRE
!!!



DITOS E CONCEITOS

Uma coisa que sempre nos impressionou (e impressiona) é vermos, nos jornais, os anúncios do passamento de certas pessoas com as fotografias dos falecidos muito sorridentes. Que nos conste, mesmo que alguém não se tenha importado nada de ver chegar o dia de sair deste vale de lágrimas, nunca ninguém sorri depois de morto!

Pelo caminho que certos estudantes gostariam que as coisas seguissem, qualquer dia só teríamos mesmo: engenheiros de obras feitas, advogados de casos arrumados, médicos especialistas de doenças sem apelo ou de acidentes mortais, etc., etc.!

Na vida de uma mulher, há sempre um homem que passa... Na vida de um homem, há sempre uma mulher que fica! E, às vezes, fica cada uma... Mas, mesmo assim, a pior coisa que poderá acontecer a um homem será não ter uma mulher para (e o) aturar!

CADEIA DE ALCOENTRE

'PRECISA-SE PESSOAL
DESEMPREGADO
PARA SERVIÇO DE
GUARDAS.'



Crônicas Medievais

O ENCONTRO

EL-REI

— Pois ficade sabendo, senhora D. Briolanja minha muito amada esposa sinto-me hoje muito feliz!

D. BRIOLANJA

— Pois quê? Acaso haveis visto passarinho novo?

EL-REI

— Assim o podedes dizer: acabo de me encontrar com o meu antigo secretário, aquele do perturbador sorriso, e que foi o meu ministro predilecto no final do meu reinado...

D. BRIOLANJA

— Agora é que estades a reinar, com certeza! Esse não era passarinho novo: é um passarinho velho!

EL-REI

— Não digades mal de D. Marcelino. Haveredes de reconhecer que ele é indiscutivelmente um bom homem de leis...

D. BRIOLANJA

— Senhor meu esposo, teredes de concordar que toda a vida tendes andado em companhias bastante duvidosas: e esse vosso secretário Marcelino não foi das que mais me apropssem...

EL-REI

— Que dizeides? Soides injusta para o meu ilustre secretário! Bem sabeides que não foi culpa dele que o nosso reino desse raia...

D. BRIOLANJA

— Talvez não: mas olhaide que ele ajudou bastante...

EL-REI

— Não digades asneiras. Bem sabeides que tudo começou com as manias do outro...

D. BRIOLANJA

— Ora oral! Como o desgraçadinho bateu a bota agora culpam-no de tudo! Mas não vos esqueçades que esse vosso querido secretário vos não ligou péva, quando ardeu a nossa real tenda: veio muito lampreiro para este reino e tratou de arranjar um emprego de mestre escola onde ao que parece se tem fartado de arrecadar grossos dobrões...

EL-REI

— Pois isso mesmo prova as suas nobres sabenças! Olhaide se nós tivémos essa sorte! Vivemos aqui de esmolhas...

D. BRIOLANJA

— E tudo por vossa culpa! Tantas asneiras haveis feito... mas o que lá vai lá vai! E o que vos quera o vosso antigo secretário?

EL-REI

— Mas porque perguntades isso? foi um simples encontro de velhos amigos! Bem sabeides que desde que aqui chegámos nunca mais nos havíamos encontrado, e devo dizer-vos que já sentia saudades do seu reconfortante sorriso...

D. BRIOLANJA

— Desconfio muito desses encontros. Se quizesseis seguir os meus conselhos, faríeis uma criação de galinócios e não vos meteríeis mais em coisas que não percebeis, como por exemplo as políticas...

EL-REI

— Senhora, soides vós quem nada percebe dos altos negócios das políticas! Ficaide sabendo que em assuntos de política eu não arrumei ainda as minhas reais botas! E deste encontro com o meu antigo secretário, muito hei a esperar...

D. BRIOLANJA

— Ou eu muito me engano ou arranjàreides com isso outro par de botas...

EL-REI

— Não seajdes patarouca. Ficaide sabendo que aquele meu secretário ainda irá longe!

D. BRIOLANJA

— Cá por minha vontade já o tinha até mandado para muito longe! Olhaide se ele desde que para aqui viemos vos ligou alguma! Arranjou logo um emprego e até outro dia quando nos encontrámos numa função do sió pereira até fez vista grossa...

EL-REI

— Talvez estivesse grosso...

D. BRIOLANJA

— Nem penseis nisso! Esse pardal nunca se engrassa! E essa ideia de vir agora encontrar-se com vosco cheira-me a esturro. Onde o haveis encontrado?

EL-REI

— Pois ficade sabendo que fui convidado por um grande amigo dos velhos tempos para um almoço; e quando eu pensava que os morfos seriam apenas para ele e para mim, eis que surge também ao repasto o meu antigo secretário!

D. BRIOLANJA

— Na realidade isso parece mesmo que traz água no bico! E de que haveis falado? Foi genti comvosco o vosso marcelínico secretário?

EL-REI

— Muito. Acreditade que até cheguei a pensar que tínhamos regressado aos bons velhos tempos em que era eu que o convidava para almoçar no nosso estaminé de Belém no nosso antigo reino! Quiz saber como temos passado, e até perguntou por vós!

D. BRIOLANJA

— Por mim? Bem vos digo que alguma coisa estará ele para fazer! E vós? Que lhe haveis dito? Havei-lhes contado as dificuldades que aqui hemos passado? Espero que hajades tido o senno...

EL-REI

— Por quem me tomades, senhora? Ficaide sabendo que neste encontro fui eu quem dirigiu a conversa, tal como nos velhos tempos em que o convidava para nos visitar e ali lhe ditava os meus reais decretos! E desta vez...

cont. na pág. 6

O ENCONTRO

cont. da pág. 5

D. BRIOLANJA

— Desta vez fiz o mesmo! Bem sabeis que continuo a esperar pela oportunidade de voltar a reconquistar o nosso antigo reino; e imediatamente saltou faiscante à minha brilhante inteligência a possibilidade de me servir do meu antigo secretário para uma maquiavélica manobra ligada a essa minha muito querida esperança de regresso...

D. BRIOLANJA

— Muito receio que tenhades metido a pata na boca, senhor meu esposo. Conta-me tudo!

EL-REI

— Escutaide então: bem sabeis que a única possibilidade de efectuarmos o nosso regresso ao nosso antigo reino reside na confiança que ainda tenho que todo o nosso povo se sinta saudosos de nós e do nosso sábio governo, e nos aclame, mesmo estando nós ainda no exílio...

D. BRIOLANJA

— Sim, certamente não pensades meteros numa nau e desembarcar como turista na Ribeira das Naus de Alcântara à espera dum espectáculo expontânea devidamente organizada...

EL-REI

— Por certo não correriei esse risco, ainda que esteja convencido que bastaria verem-nos chegar e bastaria eu chegar à armadura da nau, vestido com o meu fatiinho de marujo e dizer: "Eu e minha mulher Gertrudes Briolanja..." para imediatamente romperem as aclamações...

D. BRIOLANJA

— E talvez romperem qualquer coisa mais. Mas dizeide-me o resto!

EL-REI

— Pois eu conduzi sabiamente a conversa com o meu antigo secretário, ao longo de todo o almoço para a concretização de uma ideia que me fisei no cérebro...

D. BRIOLANJA

— Assim de repente? Por certo os haveides sentido mal: bem sabeis que vos não podeides meter em grandes bebidas...

EL-REI

— Deixai-de-vos de esparvoaçades. Quando iam os primeiro prato comecei suavemente a sugerir que ele seria por certo bem recebido no nosso antigo reino, devido ao seu grande saber de leis. Como por certo haveides compreendido a minha ideia era a de o convencer a ir ele primeiro para ver como o nosso povo o receberia: por certo que se o recebesse bem, prestes esse mesmo povo exigiria a nossa real presença e poderíamos então regressar...

D. BRIOLANJA

— Sim, e depois? Despachai-de-vos!

EL-REI

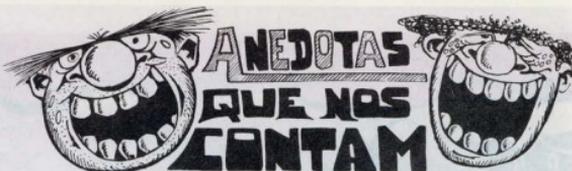
— Depois, por alturas do segundo prato já ele parecia meio convencido a fazer uma viagem ao nosso antigo reino, ainda que sob nome desconhecido: aconselhei-o prudentemente a nunca mostrar os dentes para não ser conhecido... e depois da fruta e do doce expliquei-lhe então em pormenor o meu plano; e disse-lhe então, quando estavam a servir o café o que esperava dele...

D. BRIOLANJA

— E ele? Que disse? Concordeu com a vossa ideia?

EL-REI

— Se quereides que vos diga, ainda não sei, porque depois disso ele levantou-se, foi ao aparador e pegou na terrina da sopa que veio gentilmente colocar na minha frente. E depois saiu logo a seguir...



— Ora aqui está-mos nós, e os leitores, com mais duas anedotas que tentaremos recontar o melhor possível. Se, pelo menos, os fizermos sorrir, já nos daremos por satisfeitos. Quando a gente macambúzia continua a ser abundante...

A primeira passa-se com dois tipos de apelido Silva — qual deles o mais gabarola e aldrábio (sem piada para ninguém do mesmo apelido) — que há muito não se viam e se encontraram numa rua lisboeta:

— "Olha o Silva! Como vais, pá?"

— "Olha o Silva! Como estás, Silva?"

— "Fala baixo, pá — fala baixo... Não me compiques a vida..."

— "Mas, porquê?"

— "Porquê? ! Sabes, eu sou um tipo mundialmente conhecido das altas personalidades mas, tenho a minha vida de negócios e não posso perder tempo com almoços, jantares..."

— "Ah!"

— "Ainda outro dia fui a Londres, incógnito por causa dessas coisas mas, a família real lá estava à minha espera..."

— "O Silva — disse logo o Duque — vais com a gente para o Palácio", passar lá uns dias... E lá tive que ir!"

— "Fui a Washington e sucedeu-me o mesmo com o Presidente, o Kissinger e toda aquela malta da Casa Branca..."

— "Ah!"

— "Tenho ido a Paris, Berlim, Moscovo, Pequim, Estocolmo, Conspingha, Oslo..."

— "Enfim, a mesma coisa em toda a parte! E tu, que fazes?"

— "Por acaso, também sou um importante homem de negócios, também faço muitas viagens e, também sou mundialmente conhecido das altas personalidades..."

naldades como tu, mas de toda a gente. Mais conhecido, até que muita gente importante!"

— "Como, assim?!"

— "Calcula tu que, outro dia, fui a Roma — também incógnito — mas, o certo é que o Santo Padre estava à minha espera no aeroporto... e..."

— "O Silva, meu malroto, já não te deixo..."

— "E, por mais que eu me quisesse furtar: — "O Paulo, tu desculpas mas, tenho uns compromissos..." — lá tive que ir. Antes do almoço, porém, diz-me ele: — "O Silva, andá aqui comigo à jantada que eu tenho que dar a benefício a umas pessoas que estão ali na Praça..."

— "E, depois?"

— "E, depois?"

— "Depois, era toda aquela gente a perguntar: — "Quem é aquele tipo de branco que está ao lado do Silva?"



ORA CONTE-NOS... ACHA MUITO DINHEIRO 31 MIL CONTOS GASTOS NA CAMPANHA ELEITORAL?

OPERÁRIO

NÃO É MUITO... SEMPRE DEU TRABALHO, A MUITA GENTE SEM OFÍCIO!...

DIRIGENTE DESPORTIVO

DIGAM LA' AGORA QUE O CUBILLAS E O YAZALDE SÃO CAROS!

DOVA DE CASA

SE ISSO SERVIR PARA BAIXAR O PREÇO DOS "MORTOS" NÃO É MUITO!...

E DEPOIS DIGAM LA' SE NÓS RECUSAMOS CAPITAIS PARA NOVAS INICIATIVAS!...

HOMEM DA RUA QUERO LA' SABER! ISSO DEVE SER BOATO! NÃO ACREDITO!...

DÁ-ME UMA ESCOPIVA!



PENA DE TALÃO



SATIRAS prestam, sátiras se estimam
Quando nasas Calábria o fel não verte
Quando voz de censor, não voz de zoilo,
O vício nota, o mérito gradua;
Quando forçado epíteto afrontoso
(Tal, que nem cabe a ti) não cabe áquies
Que já na infância consultavam Febo.
Elmíros de Paris, Cotins são vivos
No metro de Boileau, mordaz mas pulcro;
Codros, Crispinos, Cluvenios são!
No latido feroz do cão de Aquino,
Desse cuja moral, mordendo, imitas,
E cuja fantasia em vão rastejas.
Nos ígneos versos, que Venússia ilustram,
Nos que de fama eterna honrarão Mântua,
Envoltos no ludibrio, existem Bávios,
Mévios existem; é a existência deles,
Se pudessem durar, seria a tua.
Refalsado animal, das trevas sócio,
Depõe, não vistes de cordão a pe!e!
Da razão, da moral o tom que arrogas,
Jamais purifiquei tus lábios torpes,
Torpes do lodacal, d'onde zunindo
(Núvem de insectas vil) se sobrem trovás
A mente erma de idíias, nua de arte.
Como há-de, ó Zoilo, atenuar teu nome,
Se os Fídios permanência ao tu vedaram?
Se a ponte que através do mudo rio,
Que os vates, que os heróis transpõem seguros,
Tem fatal boquerão, por onde absorto
Irás ao vilpendrio, irás ao nada,
Ficando em cima iloso, honrado o nome,
Que em ditérios plebeus, em chulas frases
Debalde intentas suavizar o conlipo
E pra a to a razão rasgando e tremel!
Do filósofo a to, a fez do amante,
Meditativo aspecto, imagem d'alma,
Em que fundas paixões a essência mimas
(Paixões da natureza, e não das tuas)
O que parece em mim à vista abjecto,
A mesta palidez, o olhar sombrio,
O que preterição desengenhosa
Dos sujos trívios na linguagem aponta,
Que importa, ó Zoilo, ao literário mundo?
Que importa, descurando o medíocito,
Não ter meu rosto o que alicia os olhos,
Enquanto nédio a relinchoação, à casta
De vão festivo, estória impropria,
Peço, peço nos pólipos, que aviltas,
Afofas teu sermões, venais fazendas
(Cujos credores nos elísios fervem),

Trojeas, enroqueces, não comoves;
Gelas, contrateiras centro d'alma;
Ostentas fêrrico rimas, cús de bronze,
E, a cada berro mirando a turba,
Compras na aldeia do barbeiro o voto,
Ali triunfas e a cidade enjasas;
Tu, de cérebro pigre e pingue face,
Farsaica ironia em vão rebucas,
Quando a penúria desvalido exprobras:
Que tem co'a natureza o que é da Sorte?
Ou dá-me o planície atirar-lhe as graças
(Mas sem que ploraresco) ou não profanes
Indignidade e moral, unsais tu não eritas.
Pões-me de inutilidade vadio a tocha,
Tu, que vadio, estulto, obeso, inútil,
As praças de Ulússia à toa oprimes,
Ou do bom Daniia férrea estância
Peconhas de invetera espemes d'alma,
Que entre negrochapús também negreia,
E ante o caixeiroaquiberto arrotas,
Arrotas ante o vício a Enciclopédia;
Fadas, agora explodir que invejas,
Arranhas mortofalustas vivas,
Insultas a grandia a mendeda;
Do ateuim Montano, o deus a Estácio
Um graú, que enleque ao céu, que ardeno em estro
De Tebas o can'tantar não ousa,
Quando à Musa anorte enfria os voos,
E quer que a Eneia cá de longe ardo,
Da preferência ainda não pago,
Das Graças ao cor, de Amor ao vate,
De nasão elegíacos seus pueiros,
Que o Ponto ouli com dor, com mágoa o Tibre,
Versos propes silábico-latinos,
Versos que inda laural e ao clastro cheiram,
E que, afrentosíbil, de aplausos cheiram,
Só por distarem tus versos pouco,
Sanguissuga de gidos autores,
Que vas com cebil remir das tendas,
Enquanto palavra impões aos nescios,
E a crédulo tronconando afirmas
Que revolvente que rocaste apelo;
(Falo das artes, sciências falos);
Enquanto a estália ignorância elevas,
Co' d'ali tu contas, su vido as noites
Nos descomodantes lareis,
Submisso aos falamos, ali compenho
A pesada existêcia honesto arripio,
Co'a mão, que te estende as seis, a poucos,
Ali deveres, nuno, ions, nem prezas,
Com f'aternal p'ide acato, exercio,
Cultivo alectos a alma estranhos,
Dando à virtudedo dás ao vicio.

Em que, dado à tristeza e curvo aos ferros,
Ollastu, cavates Elmíros, o grande o cresti,
Quando infia os vós f'rida softosa,
Na imensidade azul, que aos astres guia,
Quando f'ido por istema, crime f'irgus,
Mas só da natureza enrecreado)
Seguia o rasto de amorosos cines,
Pousando muito aquém do grau que occupa
Ainda carecente da ignea força
Que à Pátria deu Leandro, Inês, Medeia,
O Anro dos zelos, de Arene e Argira
A história, que o sabor colheu de Ovídio,
Na dicção narrativa experta, idónea,
E o mais ás Musas grato e grato a Lúcia.
Da estância, onde nem sempre habita o crime,
Epístola sem sal por ti guizada,
Em tais louvres incluiu meu nome,
Versos escuta, que negar não podes,
Estilo é teu, monotonia é tua;
O que neles se envolve, escuta, em prêmio
Da empresa que tomei de os póe no mento:
"Do centro desta graú triste e mudo,
"F'acundo Elmíro, pelas Musas dado,
"O prisionero Elmíro te sauda,
"De tus áureos talentos encantado,
"De ti só fala, só por ti suspira,
"Em teu divino canto arrebatado. ..."
Quem fértil nomeaste, e quem divino
Hoje é servil, monótono, infecundo,
De texto opimo intérprete engodo?
Co'a idade e estudo o génio em todos cresce,
E em mim desfaleceu co'a idade e estudo?
Responde ao teu juiz, ao só crítico,
Rita de los nazal! Trazer à Pátria
Nova fertilidade em plantas novas,
Mantêr-lhe as flores, conservar-lhe os frutos,
Quas eram no sabor, na fez, na forma,
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os estranha, os desconheça o dono,
É fadiga vulgar? Não tem mais preção
Do que esse, que os cauretos galardoi
Do galego boçal nos f'erreos ombros?
Verter com melodia, andar, pureza
O metro peregrino em luso metro,
Do idiosyncrasmo aposto o estorvo,
De um, d'outro idioma riscando o génio,
O carácter de texto expor no glose,
Práximo tomancas e natural no alheio,
É ser bugio ou pagagato, Elmíro?
Confrnta originais e as cópias dretes,
Verás se a blusa, que de rastos pinta,
NO voo altivo o Sulmonense atinge,

instal transcendente e com Deulle ombrea,
Não me envilece ali de um frade o solio,
Ali me inspira as gloriosas ígneas asas
Coração binafago, e tanto e tanto
Que a ti, seu depressor, protego, acolho;
Que em redondo cardeir te propaga
A raspódia servil, poema intruso,
Pilhagem que fizeste em mil volumes,
Atulhado armazém de alheos fardos,
Alto a Monotonia os mecos, os volve,
E onde teimoso apóstrofe se estalla,
Já c'o' os vós entendendo e já cr'a terra.
Inda não me eleva o Pinto ao cume
Co'm fama que asobrinhe os canicás vates,
Porém, graças ao dom, que não desdovias
Co' a barra estalado de emperadoras trovás,
Vou sobranceiro a ti, de longe te olho,
E na pública voz, que se não merca,
Elmano a cinsse aspira, Elmíro é ganso,
E ganso que patinha e se enlameia
Em podres lodacais, paús do Lestes
A círculos pueris, a vãos Narcisus
A Lucrécias na sala e Naís na alcova,
E inda ás séries do tempo os bravos poupo,
Insulto rimador de facho e setas,
Nugus não doiro, não mendigo aplauso
De viciuos fornos, piagárias línguas;
Não sou, nem de improviso, o que é de espaço!
— C'ró auditorio meu, vingai-me a gloria!
Vão, que em versos altíssimos mil vezes
Me vistes ir voando ás fontes do Estre,
Dize, se em versos sagrados, Roma
Nas prontas explosões do entusiasmo,
Se a razão, se a moral, se as leis, se a Pátria
Do metro distinguido objectos foram,
Ou das flúrtulas do hoje o riso enasso,
Das olhos o comício, a não das almas,
O melindre sígize, licão materna,
E a mercantil firmiza, a cem vustada;
Dize... Mis conta ti sobeja Elmíro,
Teus vivos, teus latidos não me aterram;
Sou do novo; trifuace Alcides novo;
Inda não farto de arrancá-lo ás sombras,
As três garantas levarei de um golpe;
E se a carina espumta, ou sangue infecto
Monstra fama que multiplicado a morte,
Das Fúrias o tigre lhis torna ás frentes,
Bravija, detractor, bravija insano,
Arde, blasfema em vão, de alvez te aiva
Tenaz verdade que te rói por dentro.
Na voz depressor o que admira n'alma,
Se provas verdes, su te evideo as provas
De que teu coração desdiz os lábios,
Traze à mente o lugar e a vez primeira

BOCAGE

Conforme tínhamos prometido, publicamos hoje a célebre "PENA DE TALÃO", com que Bocage deu resposta à sátira do poeta José Agostinho de Macedo publicada nestas colunas há duas semanas.

Trata-se duma peça admirável que bem mostra todo o génio a um tempo cáustico e de fino recorte do grande Vate Sadino.



PSICOLOGIA INFANTIL

Claro que numa revista que é lida por milhões e milhões de pessoas em todas as latitudes, o seu corpo redactorial tem sempre umas certas obrigações. E uma delas é manter ao vivo secções que possam ter mais um novo interesse para cada nova formanda de leitores (e leitoras) que de semana a semana surtem e que nos fazem a cabeça em água.

A procura pela revista é mais que enorme: é espantoso: quando foi da impressão do último número, e talvez por se tratar dum impressão, foi impressionante: houve pessoas que pensaram que haveria ali para os lados da tipografia algum comércio ou que teria havido qualquer ocupação ou qualquer coisa parecida: não senhor: era simplesmente a hora da saída da máquina de "Os Ridículos" e por toda a rua da tipografia e ruas adjacentes (como as ilhas) havia intermináveis bichas, mas bichas com o significado de filas de pessoas: não pensem vocês que, enfim, bem me entendem. Também lá havia, porque nós não fazemos qualquer discriminação, e verdade verdade, não gostamos de cuspir para o ar, e quem vai vai e quem está está.

A verdade é que o nosso jornalinho gasta-se como manteiga e aqui na redacção recebemos milhares e milhares de cartas a pedir que incluíssimo uma secção de psicologia infantil porque há muitas mããs que precisam saber certas coisas para ver se conseguem que os meninos quando tiverem cinco anos não andem a tirar olhos às tias velhas que os vão visitar nem a cuspir na sopa do avô, e essas coisas são todas resultantes de traumatismos infantis porque como hoje se sabe se as crianças não forem educadas com muita psicologia ficam traumatizadas lá por dentro o que é muito mais grave do que se ficassem traumatizadas com um olho ao peito ou um bracinho partido em

três sítios que era como os selvagens de antigamente tratavam as pobres crianças que faziam pilantradas.

Por isso mesmo, nós compreendemos muito bem essas coisas e aqui estamos hoje para dar para os jovens e incipientes mããs os nossos conselhos sobre psicologia infantil que certamente as ajudarão a dominar os perversos cerebrosinhos dos pequeninos monstros.

Ora uma das coisas que toda a gente sabe que é indispensável para as loiras crianças é que elas reconheçam a diferença entre o bem e o mal como conhecem a diferença entre um chupa-chupa e uma chapada.

E por mais que digam e que queiram arranjar novas teorias à verdade é que desde que o meu colega Dostoiévsky escreveu o crime e casti-

go terá sempre que haver, quando os putos meierem a pata na poça uma boa galheta, pelo sim e pelo não, porque como dizia o grande educador Robespierre na sua arte de bem arriar nas crianças "por isso eu acho que um bom borracho que o deite abaixo é radical; porque também se não faz bem, também não lhe faz mal".

Palavras lapidares que deveriam estar escritas em todas as paredes dos quartos dos meninos que era para eles saberem onde é que lhes moriam.

Mas aqui, prezadas leitoras, surge sempre uma dúvida: as crianças aceitam sem regatear (pele menos até aos três anos, a dotação de chapadas e de tabeças que lhes competem pelas coboiadas em que se metem. Tudo isso está muito certo. Mas depois vieram os

mestres em psicologia infantil, meus ilustres colegas, informar que essas chapadas e esses tabeças: além das ventas esmurradas lhe causam graves traumatismos à psique (chica que isto é que é falar!) e que era por causa dessas chapadas e desses tabeças que os putos depois quando cresciam se tornavam teddy-boys ou coisa ainda pior: parece mesmo que está provado que o conhecido Al Capone se tornou na América o Inimigo Público nº 1, porque um dia quando tinha dois anos e três meses partiu um boião de comota e a mãe arriou-lhe duas chapadas: uma pelo atrevidimento do roubo e outra pelo frasco que se partiu. E dizem os mestres que daí para a frente o gajo se tornou berra como a ferrugem.

Muitos outros exemplos vos poderia dar, como por exemplo o doutro putito que aos três anos tirou marmelada à mãe, e recebeu em troca uma valentíssima carga de porrada que deu em resultado que o gajo passasse o resto da vida à procura de toda a espécie de marmelada, e por qualquer complexo oculto no mais profundo do seu infantil subconsciente, sempre os tirava onde apanhava, aos três de cada vez.

Ora por todas estas considerações, cheguei a moderna psicologia à conclusão que era profundamente errado aplicar castigos violentos às crianças, principalmente se a esse

castigo estivessem presentes outras pessoas que não tinham nada a ver com o caso e que apenas assistiam a isso movidas pelo seu repulente sadismo, o que resultava então no grande traumatismo psicológico das loiras crianças, traumatismo que lhes ficava, como as marcas das beixigas, para toda a vida.

Esta lição vai já bastante longa e por isso eu acho que o melhor é encerrar aqui este capítulo. Claro que das minhas palavras não se poderá concluir que os putos possam fazer toda a espécie de pilantradas sem levarem nas lonas como manda a santa madre igreja; mas desta primeira lição as minhas prezadas leitoras que são mããs devem desde já assegurar aos seus criminosos rebentos que não deixando é claro de receber as doses de porrada a que tiverem direito, elas lhes não serão atribuídas diante de terceiros, a não ser que eles peçam para terem os seus advogados presentes mas isso é outro aspecto da questão, e não vale à pena ocuparmo-nos agora dele. Para já, se o putito está a chatear, querida leitora, tem licença minha para lhe arriar uma boa chapada. Para a semana então veremos na segunda lição um outro aspecto das inferências psicológicas das punições extemporâneas nas espécies zoológicas onde se incluem as adoráveis e monstruosas crianças.



OS TITULOS QUE NÓS LEMOS



JORNAL DO COMERCIO

OS «HIPOPÔTAMOS» APOIAM OS TRABALHADORES DO RÁDIO RENASCENÇA

No final da Conferência Internacional da Mulher

Primazia de resoluções políticas e leve debate sobre igualdade sexual

DIÁRIO DE NOTÍCIAS



NO BANCO DOS RÉUS

MONITOR DE FACULDADE «regeu» agressões e insultos

JORNAL DE NOTÍCIAS



Produtores de ovos pedem intervenção estatal na rede de frio

CAPITAL



UM BILHETE PARA
A RUSSIA!!



VINHO PORTUGUÊS SUBSTITUI O VODKA NA UNIÃO SOVIÉTICA

◆ 45 MILHÕES DE LITROS A EXPORTAR ATÉ OUTUBRO
JORNAL DE NOTÍCIAS



HISTÓRIAS ERÓTICAS



Lição de sexo

Começava já a delinear-se a necessidade de uma reformulação da educação infantil, principalmente no que se refere à educação sexual, e o director (progressista) dum a reputada escola (poucas confusões com o "reputada!") feminina, determinou que às professoras dedicassem uma

Claro que naqueles tempos disantes em que tal ensino não constava de nenhum dos manuais da Mocidade Portuguesa Feminina (autorizados)

pectiva principalmente perante as criancinhas da idade da instrução primária. Mas as ordens do director eram firmes e não po-

flores para as outras e a mudança de outra espécie de pólen do papá para a mamã.

Claro que depois de ter explicado tão cuidadosamente como se impunha a verdade dos factos da vida, a professora concluiu a sua lição com os necessários conselhos e avisos para que as femininas criancinhas não ficassem a pensar que o pólen era indigesto e que seria muito engraçado elas ficarem à espera das abelhas.

Lá explicou tudo muito criteriosamente e pôs um especial ênfase nos extremos cuidados que as pequeninas criancinhas teriam que ter quando fossem mulherzinhas, para não caírem nalguma rasteira que algum malvado lhes estendesse. Sim porque os homens eram por natureza os lobos maus sempre à procura das meninas de capuchinho vermelho. E — concluiu — as meninas compreendem muito bem que se caíssem numa dessas rasteiras que os malvados dos homens lhes podem mais tarde estender, ficariam com as vossas vidas completamente arruinadas. Nunca ninguém mais as consideraria pessoas decentes! Nunca mais ninguém olharia para elas! Nunca mais elas poderiam aspirar a um bom casamento! E... realmente, não valia a

pena correr todos esses riscos! Afinal, por cinco minutos de prazer, vocês perderiam todo o vosso futuro!

A professora sentou-se, aliviada. Tinha cumprido a sua missão.

Mas nesse momento uma das criancinhas, uma loira menina de sete ou oito anos, que durante a longa explicação da professora a tinha atentamente ouvido, a testa franzida na ânsia dum compreensão difícil, ergueu o bracito com o pequenino dedo espetado.

— O que é Rosita? Queres perguntar alguma coisa? — interrogou a professora.

A dúvida transparecia na vozota da menina:



das suas aulas a ministrar as femininas criancinhas os pelo menos rudimentares conhecimentos sobre vida sexual, para que pelo menos elas não viessem um dia a sofrer um destino pior do que a morte sem terem a menor oportunidade de saber do que se tratava.

as professoras viram-se perante um grave problema.

Explicar de menos corria o risco de não se fariam entender. Explicar com muitos detalhes podia descambar uma espécie de ensino a roçar pelo erotismo, e certamente que às professoras não agradava muito tal per-

diam ser ignoradas. Por isso a professora das aulas da primeira e segunda classes pôs um especial cuidado na escolha das palavras com que tinha que explicar às adoráveis criancinhas que os meninos não vinham de França, e que havia umas certas semelhanças entre a passagem do pólen dumas

— SENHORA PROFESSORA: COMO É QUE A SENHORA FAZ PARA DURAR CINCO MINUTOS?

E' BOM OBSERVADOR? ENTÃO DESCUBRA AS 12 DIFERENÇAS



NO FIM DUMA ACALORADA DISCUSSÃO HOVE UMA IN-COMPREENSÍVEL MISTURA DE EMBLEMAS COM SIGLAS DE PARTIDOS.

O LEITOR PODERÁ AJUDAR A PÔR ISTO DIREITO?
TEMOS DÚVIDAS. . .

PENA DE TALIÃO

cont. da pág. central

Que afecta lamentar e astuto abates,
Que por alféola troca os sons d'Euterpe
(Os sons da sua Euterpe, e não da minha),
Dize ao teu coro, de garganta indócil,
(Sem que esqueça o pigmeu no corpo e n'alma)
Dize dos corvos de Ulisseia ao bando
Que, intérpretes, qual fui, d'exímios vates,
Não pagos de ir no rasto o vô altemei;
Ou tu mesmo apresenta, oferece à crise
Do gordo original versão mirrada,
Sufocado o Estácio teu de unhas minhas,
De muitas que sofreste e que aproveitas;
Nele (oh mágoal oh lábeul!) por ti mudados
A pompa na indignição, o luto em riso;
Mostra em teus versos as imagens suas,
Tíbias, informes, encolhidas, mortas.
Desdentado leão, leão sem garras,
Que à longa idade sucumbiu, rugindo;
Mas leão que de perto inda é terrível,
E que no quadro teu vale um cordeiro.
Ousa mais: a Lusitã não sumas,
Que o número de versos fez poema,
Tal que seu mesmo pai sem dor o enterra.
Expõe no tribunal da Eternidade
Monumentos de audácia, não de engenho;
O prólogo alteroso em que abocanhas
Do Iúlio Homero as veneráveis cinzas,
E não de inepto, de apoucado arguas
Quem, porque teme a queda, encolhe as asas;
Quem, de efêmeros vivas não contente,
Chegando a mais que tu, se atreve a menos.
Nem somente Melpômene dispôsa
Grão nome, nem Calíope somente.
Como os Voltaires na memória vivem,
Lafontaines, Chaulieus subsistem nela.
Todos têm nome e grau: tu mesmo o dizes,
Contraditório, tímido versista.
Tema que escolhes, género que abraças,
Não te honra, nem desluz: no desempenho
O lustre, a glória estão; tem jus à fama
O vate, ou cante heróis ou cante amores,
Contando que de Febo as leis não torça,
Aos mui vários assuntos ajustadas.
Co' a matéria convém casar o estilo
Livante-se a expressão, se é grande a ideia,
Se a ideia é negra, a locução negreje,
E ténue sendo, se atenua a frase.
Segue o que tens de cor, mas não praticas,
Serás o que não és, o que não foste,
Quando das Musas no Almanaque (ai triste!)
Que a par de seus irmãos morreu de traça,
Forjiste de uma freira equívoca ninfa,
Jactin' de um Tritão fingiste acesa:
Chamaste grande, harmónico a Lerenó,
Ao fuscó trovador, que em papagaio
Transformaste depois, havendo impado
Com tavernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orange-tango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmíro.
Os teus vícios em rosto aos mais não lances,
Tu, Fúria, tu, dragão, que entornas peste,
Por sistema, por hábito e por génio.

Os sete ou oito detraís, em que te agravam?
Querias par a par subir com eles,
Nas asas do iouvor, a ignotos climas?
Que dixeras, mordaz, quando a mimves,
Quando a celeste Catalani exala
Milagres de ternura e de harmonia.
Sim, que disseras, se, ultrajando a cena
De rouquenha bandurra um biltre armado,
Ante a assembleia estática impingisse
Solfa mazomba, hispânico bolero?
Pois isto, ó Zoilo, tão impróprio fora
Como anexar teu nome aos sete, e a outros,
Que do silêncio teu não colhem manchas,
Nem carecem de mim, por si famosos,
E há muito em lira eterna ao pólo arguidos.
Verdade! rectidão! Vós sois meus nomes!
Vê se as adoro, ó Zoilo; eu amo Alcino,
Filinto, Coridon, Elpino eu louvo;
Todo me apraz Dorindo, Alfeno em parte;
Nas trevas para mim reluz Tomino;
Nós génios transcendentés me arrebató,
Prezo alunos febeus, desprezo Elmíros.
De alta justiça que mais prova exiges?
Tu, que de iníquo e parcial me increpas,
Tu, que em vez de razões opróbrios vibras
Perante um mundo que te sabe a história!
Tu, que afeito à moral dos Tupinambas,
Tens ampla consciência, onde Amizade,
Onde Amor e outros vinculos sagrados
São nomes vão, fantásticos direitos;
Tu, . . . mas língua de bronze e voz de ferro
Mal de teus vícios a expressão darias.
Indómito molosso, ardid ex-frade,
É contigo a razão qual é co' as ondas
Arte e saber do náufrago piloto;
Serás qual és e morrerás qual vives.
Prosegue em detrair-me, em praguejar-me,
Porque Dêlo dos "prólogos" te exclui;
Pregoa, espalha em sátiras, em lojas
Que Zoilos não mereço, e sé meu Zoilo;
Chama-me de Tisifone enteado,
Porque em fêmo-belmírico falseste
Não pinto os zelos, não descrevo a morte;
Erra verso e versos sentençaia;
Condenna-me a cantar de Uliua e d'anos
Agrega o magro Elmano ao fúlo Esbarra;
Ignora o baquear, que é verbo antigo,
Dos Sousa, dos Arrais somente usado;
Metonímias, sinédoques dispensa:
Dá-me as pueris antiteses, que odeio;
De estafador de anáforas me encoima;
Faze (entre insânias) um prodígio, faze
Qual anda o caranguejo andar meus versos;
Suprême entre barris, entre martízes
(... alguns talvez teu sangue as vias honre)
Mergulho desmaia na carreira; avante,
E não dor, coração. . . Vaidade, ou menos!
A queitas ao Gama escotei embora.
Nada se perde tu nem perde o mundo;
Mas ganha o mais: Epístolas, sonetos,
Cantos, epícos, metamorfoses, tu o . . .
Mas não pôe teu nome, estou virgilar,
Cria um verso mau, mil bons não crias!
Cria um verso mau que não transforme

Em matos os jardins! É natureza
Estarem par a par espinhos, flores.
E não sabes, malévolo, que a regra
Uno a tñnes objectos simples frases?
Se imparcial, se crítico excessives,
Centenas de áureos versos apontaras,
Sem de um só deduzir sentença iniqua.
De Ausónia o quadro, ou venerando o belo,
Com justa, sábia mão presentarias;
Idades cento blasonando ao longe
Co' a ruína imortal da excelça Roma;
Ante as aras carpendo Amato, Saudade,
E ao céu medrosas lágrimas furtando;
Aos amigos dos homens e aos dos nomes
Na terra verdejando elísios novos;
Correntes sem rumor, como as do Letes,
Os males na memória ahi moimocindo.
E em mármoreos corintios alvejantes
O grande Fénelon e o grande Henrique.
Se o rival de Virgílio (o que proclamas,
Porque de Gália é filho, e não de Lísiá,
A cujo seio, em que borbulham génios,
Chamas com língua audaz estéril deles),
Se o rival de Virgílio ouvisses os versos
De intérprete fiel, não rudes escravo,
Honrara co' um sorriso úteis suores.
Pede ao mole Belmiro, anão de Febo,
Ao que ergues uma vez e mil derrubas;
Pede ao vampiro, que a ti mesmo há pouco
Nas terras, nos cafés deveu sarcasmos;
Pede ao bom Melizeu, d'Arcádia Fauno,
De velaria existência e mente exausta,

BOCAGE E A MANTEIGUI

SEGUNDO REZA A HISTÓRIA DO PUTEDO, A MANTEIGUI FOI PUTA, SIM, SENHORES – MAS, SE A MUITOS SE DAVA, SEM TER MEDO, NEM TODOS LHE ALCANÇAVAM OS FAVORES.

TAMBÉM CONSTA – E NÃO É NENHUM SEGREDO QUE BOCAGE, MUI DADO A TAIS AMORES, À MANTEIGUI TECEU O SEU ENREDO, NO DESEJO DE ARDER NOS SEUS CALORES. . .

NÃO FOI, PORÉM, FELIZ, O AMOROSO E, AO SABER QUE A PUTA O PRETERIA, QUEDOU-SE MAIS AMARGO QUE PIORNO. . . E, APÓS VIRAR DE AMARGO P'RA RAIVOSO, FEZ, ENTÃO, TODA AQUELA POESIA QUE NASCEU, AFINAL, DA DOR DE CORNO!

ARIM

NOTA DO AUTOR:

Que Bocage – a quem muito admiramos, aliás – nos perdõe a pobre versalhada e o “descobrimos-lhe” com ela a careca (que não tinha). Mas, as biografias de tal nos dão conta e, lá diz o Povo: as verdades manda Deus que se digam. . . E ele, que gostava muito de as dizer, não vai decerto alcaofrarse conosco. Desculpa, ó Manuel Maria! . . .

PARECE IMPOSSIVEL

Pois claro que parece impossível! Então vocês acham bem que as coisas se passem assim desta maneira sem que ninguém faça nada para elas não se passarem? Não pode ser, é o que eu sempre digo e hei-de continuar a dizer enquanto não tiver falta de ar claro nos bofes porque nas algebeiras é o que se sabe porque falta de ar aí é mais do que um asmático constipado porque tudo se passa e ninguém faz nada para que não se passe e vocês bem

viram como aqueles gajos de Alcoentre se passaram com uma limpeza que até parecia daqueles filmes que a televisão dava antigamente na missão impossível sim porque era antigamente visto que hoje em dia a missão impossível é de comprar os morfos com o dinheiro que a gente tem e sem ficar no tasco com um rol mais comprido que a légua da Póvoa, sim porque o meu merceiro já descobriu o melhor processo de poupar papel no rol

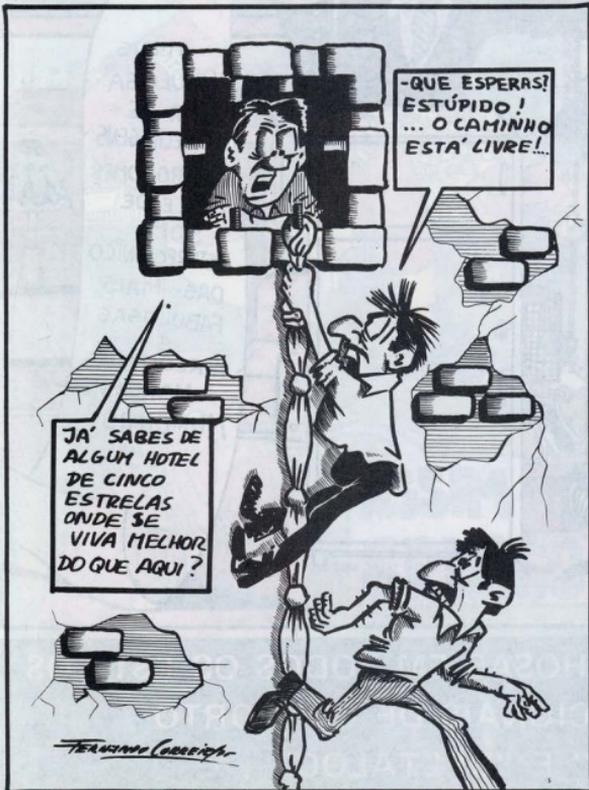
dos fiados que foi o de meter ao lado da caixa das coroaos um rol de papel de limpar o cu e vai escrevendo os fiados e quando escreve mais vai dizendo isto está uma merda naturalmente é porque a proximidade daquele papel o faz torcer o nariz a pensar na triste ideia que ele teve de abrir um estaminé de morfos porque se fosse de outra coisa qualquer se calhar nem freguesia tinha além de meia dúzia de moscas mas ele lá vai aguentando

a pensar que como tudo passa isso também há-de passar e há-de vir um dia em que toda a malta tenha pasta, mas quando isso acontecer com certeza que as pessoas já se desabituarão de comer e então ele nem sequer chega a vender o papel de limpar o cu porque já não há nada para limpar parece aquele do autor do quadro mais representativo da fome que fez o re-

trato do canal de saída cheio de teias de aranha, vocês lembram-se com certeza. E se não se lembram qualquer dia já sabem como é mas entretanto dizia eu que não há direito que parece impossível que se passem estas coisas como se passaram os pides de Alcoentre e como se passaram os antigos preços dos comboios e como se passam cenas como aquela em que a noiva dizia ao novo então

filho não passa disso e claro que ele não passava porque estava à espera de ver se saía a lei das ocupações e não queria de forma nenhuma fazer nada que fosse ilegal porque assim é que as pessoas todas deviam ser mas parece impossível que ainda haja algumas que não concordam com isso é que está errado e é por isso que a tal noiva já anda a pensar em pedir que se não derem a lei das ocupações ao menos que dêem a lei das nacionalizações porque senão ela nunca mais vê o padeiro e com a carestia em que se vive ao menos que as pessoas possam comer uma buxinha que afinal ainda vai sendo a única coisa que lá vai passando o que visto bem as coisas até faz parecer impossível.

ESTE SEMANÁRIO
É TRANSPORTADO
PARA TODO O PAÍS
NOS COMBOIOS DA



OS RIBICULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração, composição
e distribuição

R. Conde Redondo n.º 12-2.º LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 5624-11/10 LINHAS



A MAIS
FABULOSA
GAMA DE
APARELHAGENS
ELECTRODOMÉ-
TICA E DE
SOM
ESTEREOFÓNICO
DAS MAIS
FABULOSAS
E
ACREDITADAS
MARCAS
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"